

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Evelyn Dias Romero

Histórias de todas as noites: quando se tem um pai-contador

Porto Alegre

II Semestre

2018/02

Evelyn Dias Romero

Histórias de todas as noites: quando se tem um pai-contador

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção de título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Leni Vieira Dornelles

Porto Alegre

II. Semestre

2018/02

Eu sou o que sou e eu não tenho vergonha. "Nunca se envergonhe," meu velho pai costumava dizer, há alguns que vão usar isso contra você, mas com eles não vale a pena se incomodar.

(Rúbeo Hagrid – Saga Harry Potter)

AGRADECIMENTOS

Através deste trabalho, percebo que meus agradecimentos vão além de palavras, além de atitudes e sentimentos. É tão rico perceber que eu, mulher, negra e pobre sou capaz de escrever e concluir uma graduação. Muitos duvidavam! A primeira da família a realizar este lindo sonho. Gostaria de dar continuidade. Quero agradecer, por ter força de vontade, ser forte e criativa, por mais dificuldades que pude ter ao decorrer deste longo trabalho, consegui não deixar a ‘peteca cair’ e me obrigar a focar nesta conclusão de curso. Não deixo Deus de lado, acredito que ele tenha me dado toda essa força de vontade para seguir.

Agradeço muito, ao Erenson Neto Romero, meu pai, meu Griot. Sem ele, talvez, a minha infância não fosse tão produtiva e tão empoderada quanto foi. E, na minha vida adulta eu não seria tão responsável, segura e criativa, Segundo ele, herdei isso dele e de sua família! Não seria possível a conclusão deste trabalho sem ele, ajudou contando histórias, nas conversas, nas discussões, nos diálogos. Sempre esteve comigo, em tudo que precisei, desde o começo de minha vida.

Minha mãe, Heloisa Helena dos Santos Dias, também me constituiu quem eu sou, até mesmo em seus puxões de orelha e responsabilidades. Foi uma das mulheres que tive como espelho na infância e vida adulta, me mostrou erros e acertos ao longo de nossa jornada.

Meus irmãos, Erenson Neto Romero Junior e Ellen Dias Romero, agradeço. Obrigado pelas discussões (saudáveis e não saudáveis), brigas, carinhos e discordâncias de opiniões, assim conseguimos ver e construir quem somos e quem queremos ser.

Muito obrigado também as minhas avós, hoje não estão comigo em vida, mas tenho certeza que estão me cuidando de onde quer que elas estejam. Avós que foram sempre presentes, que acabavam me mimando, mas tenho certeza que me amavam muito e quando puxavam minhas orelhas, literalmente, sei que era por boas causas.

Agradeço aos parentes mais próximos, que de certa forma, me ajudaram nesta construção do eu e a deste trabalho: Pércida Romero, Rejane Dias, Marisa Helena, Marco Antonio, Jurxon Romero e Jocenita Romero.

Obrigado aos meus amigos e amigas, Carlos Adeir, Ana Paula Oliveira, Carine Kloh, Tamy Diossamy, Sara Messa, Ana Cristina, Samara Nolasco, Ana Laura Wuerdig, Charles

Brasseiro, Francyne Pimentel, Fernanda Mendonça e Wesley Fontes por estarem presentes nesses anos de faculdade. Por estarem comigo nesta conclusão de curso e, por me ajudarem em tudo que eu precisei, me apoiando em momentos bons e ruins.

Também agradeço a Fabiana Beatriz, atualmente minha sogra, por me dar os ‘toques’ e alguns puxões de orelhas quando necessário. Ao Ricardo Junior, meu namorado, por estar ali, nos choros e risos me incentivando cada vez mais a ser quem eu sou. E a abençoada vó Nara, que por mais que não nos entendêssemos, logo no início de tudo, quando nos conhecemos, também me ajudou ao longo desse tempo.

Não esquecendo professores importantes nesta jornada de curso, que em algum momento fizeram parte da construção deste trabalho, tanto a ver o outro, como em suas falas e toques nesta jornada, neles se destacam: Denise Comerlatto, Rafael Arenhaltdt, Aline Cunha, Patrícia Camini, Renata Sperrhake, Sérgio Franco, Luis Henrique Sommer e Cristiano Bedin da Costa.

Agradeço, em particular, a escola Elyseu Paglioli, onde realizei meu primeiro estágio na área da educação. Foi nesta escola que pude ter uma visão mais doce e responsável de minha docência. Ali tive contato com crianças e adultos com alguma condição física e/ou mental afetada, de alguma maneira, foi onde consegui ver o que era educação. Nela havia funcionários da escola, direção, professores, coordenação, os terceirizados, todos eles dedicados e amorosos com os alunos. O que faz ter esperança na educação de qualidade.

Sou grata também à banca que aceitou participar da avaliação deste trabalho, professoras guerreiras, empoderadas que lutam pela educação todos os dias. Professora que se esforçam para manter uma educação de qualidade e seus lindos trabalhos. E que de certa forma são professoras importantes nesta conclusão de curso. Muito obrigado – Antonio Genivaldo Feitosa, por estar lendo este TCC e participando dessa etapa de minha vida. Obrigado Gládis Kaercher por também fazer parte de tudo isso, o teu trabalho com a educação infantil e na área de pesquisa afro é enriquecedor e muito gratificante para nós, pessoas negras e, principalmente para as mulheres negras.

Por último e nada menos importante, uma das pessoas que me deu a luz ao realizar este trabalho, minha professora orientadora Leni Vieira Dornelles. Quando a escolhi imaginei uma coisa completamente diferente, mas percebi que era melhor ainda. Foi a melhor escolha

de orientadora que pude fazer nesta reta final. Sem as 'luzes' que me deu durante este trabalho, não teria realizado o mesmo com a eficiência que me foi possível. E não teria conhecido outros assuntos e conseguido olhar para a história da negritude, se não fosse a escolha desse tema em meu Trabalho de Conclusão de Curso.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso remete um pouco da trajetória infantil de estudante de um curso de graduação em pedagogia. Busca contar, analisar e refletir sobre as tradições orais ou a oralidade através das histórias contadas por seu pai a suas filhas e filho. Todas as noites ele aparecia e modificava os contos infantis clássicos, colocando personagens negros, ou seja, contava um conto reinventado e que talvez atendesse as expectativas de suas filhas e filho, que se sentiam nele representada. A partir daí se pergunta: como esses contos acabaram refletindo, em suas vidas?

Neste trabalho veremos um pouco de como foi se constituindo as tradições orais, através de sua história, principalmente ao que se referem às histórias do povo negro. Como ao longo de sua história oral, esse povo trazia às comunidades suas narrativas. Como eram os contos antigamente. Por que eram contados de tal forma na cultura africana. Vou tratar, ainda que rapidamente, da cultura dos griot's, pessoas que tinham a função de trazer as histórias de seu povo, por onde andavam. Através de alguns autores como Pereira (2015) trago a questão da oralidade e sua história. Em Girardello (2011) conseguimos ver as possibilidades de se constituir a imaginação nas crianças que dela usufruem. Kaecher (2001) me ajuda a pensar sobre a literatura e oralidade. Dornelles e Marques (2015) me fazem problematizar sobre o empoderamento e as questões raciais na infância. Hampatê Bâ me ensina sobre as histórias do povo negro. Além do pai-contador que vai encantar com suas histórias de fadas, bruxas e heróis negros.

Palavras-chave: **Infância negra. Oralidade. Griot's. Contos/historias. Pai-contador.**

SUMÁRIO

1. O começo de tudo	9
2. Objetivos Gerais	13
2.1. Objetivo específicos	13
3. Metodologia	14
4. Um pouco sobre as tradições orais ou oralidade	15
4.1. Sobre tradição oral ou oralidade africana	18
4.2. Sobre os griot's e alguns seguidores...	19
4.3. Africanos que contam histórias de griot's, ou novos griot's	20
5. Tratando um pouco sobre Contos.	27
5.1 Os contos infantis na infância	27
6. Quem pode, pode e quem não pode se sacode: um Griot em casa	33

REFERENCIAS

I. O começo de tudo

Tudo começou quando pequena, mas sem a certeza de qual idade tinha na época, talvez ainda fosse um bebê. Seus pais haviam se separado há pouco tempo, mas seu pai era sempre presente, contava histórias a ela, sua irmã e seu irmão, antes de dormirem e, depois seguia para a sua casa. “As famílias também têm sido afetadas por mudanças estruturais decorrente do número de divórcios, separações e novos casamentos. Tais rupturas e novas uniões não redirecionam apenas a vida do casal diretamente envolvido no elo. Quando existem filhos, esses também são afetados [...]”. (RAMOS, 2018, p.74).

Essa afetação não impediu que esse pai, redimensionasse sua vida e atendesse de forma amorosa suas filhas e filho. Na época não davam conta do quanto essas histórias faziam diferença na sua vida, o quanto elas faziam parte da construção de sua identidade, do seu próprio reconhecimento como mulher negra. Kaercher (2001, p. 81), chama atenção sobre isso quando afirma: “O ato de ouvir histórias está, quase sempre, presente nas nossas vidas: desde que nascemos, aprendemos por meio das experiências concretas das quais participamos, mas também através daquelas experiências das quais tomamos conhecimento através do que os outros nos contam”.

Para ela, as histórias contadas por seu pai eram baseadas nos contos clássicos da Branca de Neve, Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, Rapunzel e até mesmo Os Três Porquinhos. Seu pai recontava estas histórias de uma maneira diferente, onde todos os personagens passavam a ser negros, com cabelos crespos, independentes, que resolviam suas enrascadas, etc.. De algum modo, ao ouvir tais narrativas, a estudante em questão se via como uma princesa da história. Identificava-se com elas. Essas tinham seus cabelos longos, negros e crespos. Sua pele era cor de nozes, aquelas que os castores como Tico e Teco adoravam comer. Histórias que lembra o que Deleuze ensina sobre devir. Penso no devir-crianças que se instituía a partir da escuta dessas narrativas e busco apoio em Dornelles (2010) que ao falar sobre o autor explica “Devir é sempre um processo, nem começo, meio ou final da viagem – é um eterno processo de tornar-se, na ética de afirmação da vida” (p. 25). De algum modo, seu pai tornava sua vida de menina negra positivada, afirmativa, com mais confiança para sustentar fatos que se sucederiam em sua vida.

Talvez quando ouvia as histórias de seu pai, só se desse conta de que se tratava do mesmo conto da Branca de Neve no decorrer da contação, por exemplo, no meio da história, onde ele contava sobre os 7 Anões, a Bruxa Má, entre outros personagens. Quando ela o indagava dizendo que a história não era assim, logo respondia: não estou falando da Branca de Neve e sim da PRETA DE PIXE! Dizia que as histórias podiam ser parecidas, mas eram meninas diferentes, com objetivos e vivências diferentes. Mesmo ficando com a ‘pulga atrás da orelha’, acabava deixando para lá, pois achava as histórias mais interessantes e, que de alguma forma, diziam de si, de sua vida, de suas aventuras em seus faz de conta.

Com o apoio de seu pai, a representatividade negra de sua vida sempre foi se tornando mais forte. Ele sempre enfatizava a importância e a beleza de ser negro e deveriam lutar contra o preconceito. Mesmo que à época não entendesse muito bem, o que ele queria dizer com isso, suas palavras ficavam em sua memória de menina que tentava compreender a complexidade do mundo, pois até então, não “via” nitidamente, tal preconceito. Larrosa já ensinava,

É preciso converter aquilo que somos em problema, o habitual em insuportável, o conhecido em desconhecido, o próprio em estranho, o familiar em inquietante. E não lamentar-se pela perda daquilo que somos e já estamos deixando de ser, pela crise de saberes, de nossas práticas ou nossos valores, mas interrogar-se por que necessitamos conhecer dessa maneira, atuar dessa maneira, acreditar em tudo isso (LARROSA, 2000, p. 330).

Quando cresceu, ao longo de sua formação e atuação profissional com as crianças, sempre lembrava e recontava os contos de seu pai na sala de aula, ao que sempre as crianças se mostraram interessadas, mas olhavam desconfiadas, para o conto que ela recontava na versão dos personagens negros. Trazia essas histórias contadas por seu pai, mesmo que a maioria das crianças de sua sala fosse branca. Não só as crianças estranhavam o que passou a ser a sua versão das histórias clássicas, contadas por seu pai em seu quarto de dormir, mas também havia “dúvidas sobre uma boa história” pelos seus colegas professores das escolas onde atuava. Esses olhavam, tal como as crianças, com estranheza, outros com sarcasmos, outros não chegavam a escutar o final da história, mas ela sempre insistia em repeti-las.

Nesse processo todo, foi observando, refletindo, repensando, problematizando como funcionavam os contos, as narrativas, o acervo para crianças nas escolas por onde passava.

Através de algumas situações, pôde perceber, o quanto era precário o acesso ao acervo de literatura e contos que tratam de personagens negros. O que se pode inferir a partir daí que, de algum modo, as crianças negras vêm se constituindo através das narrativas brancas e “[...] as práticas pedagógicas racializadas na educação infantil nos fazem inferir que estas [as crianças], certamente, vêm tendo suas subjetividades produzidas de acordo com um determinado tipo de “verdade” em relação à raça”. (DORNELLES, Leni e MARQUES, Circe. 2015, p,118).

Para tentar subsidiar o vazio de livros que tratam de personagens negros na escola, ela passou a construir projetos para confeccionar livros com os personagens dos contos contados por seu pai. Cada vez mais trazia mais à tona, as discussões sobre o como faz falta na vida das crianças negras se verem nas histórias, nos livros, na mídia. A representatividade negra ainda está muito vaga nos dias de hoje, mesmo que mais do que nunca, estejam presentes em muitas salas de aula, adquiridas através de projetos governamentais, de pesquisas e produções literárias. Nunca, como nos dias atuais, as escolas tiveram acesso e oportunidade de terem materiais que tratam das questões raciais e de personagens negros na história de nosso país. Kaercher (2002, p. 107) aponta que, “a partir dos anos de 1990, pôde-se assistir ao nascimento de um novo modo de representar o/a negro/a brasileiro na literatura infanto-juvenil e que, também, têm-se evidenciado outras posturas pedagógicas diante das questões étnicas”. Surgem novas práticas de representação e, de algum modo, essas passam a contribuir para que a criança negra se torne um adulto múltiplo, constituído pelas diferentes subjetividades do ser negro.

Através dessas vivências e experiências trazidas em conversas, apresento aqui meu Trabalho de Conclusão de Curso, onde objetivo abordar sobre as tradições orais e oralidade, sobre narrativas que constituem as crianças negras; como são apresentadas e inventadas um outro modo de ser criança negra através de narrativas com personagens negros; qual o efeito dessas narrativas na constituição de uma professoralidade negra.

No início deste trabalho, abordo, ainda que rapidamente, sobre as tradições orais e a oralidade: como funciona, de onde vem, quais suas representações, para mostrar como os contos orais vão se constituindo ao longo dessa história. Como e porque se caracterizam de uma forma e não de outra. Olhar para uma versão desta história, mas não só pela visão europeia, mas principalmente, interessa aqui, trazer a história da oralidade africana. Tratar da história dos Griot's na produção das crianças negras.

Ao longo do trabalho, tentar entender sobre os contos, como são e se apresentam às crianças, questionando se servem apenas para ‘contar’ algo. Também tratarei sobre a representatividade negra e, o quanto ainda ficamos pasmos, quando por exemplo, aparecem propagandas, onde atores negros ainda causam espanto e fazem emergir um discurso racista nas mídias sociais.

Através de uma entrevista feita com um pai-contador de histórias, a partir dos contos clássicos com personagens negros, poderemos refletir o motivo que o levou a contar para suas filhas e seu filho estas histórias clássicas ‘negras’. O que pensa ter colaborado, ou não para que um de seus filhos se constituísse como pessoas fortes e dentre eles, uma professora, que de algum modo e, de seu jeito, vem trabalhando por uma educação antirracista.

2. Objetivos Gerais

- Enaltecer a cultura da oralidade;
- Perceber pontos importantes das contações de histórias;
- Enfatizar o poder e a riqueza da cultura africana em suas tradições orais.

2.1. Objetivo específicos

- Perceber como funciona a oralidade, de onde vêm, quais suas representações através dos contos citados;
- Compreender como os contos orais vão se produzindo ao longo da história;
- Entender como se constitui uma criança negra através das histórias com personagens negros.

3. Metodologia

O trabalho é um trabalho de pesquisa de cunho investigativo, com base na pesquisa bibliográfica. De acordo com Gil (2007), este método de pesquisa é desenvolvido,

[...] com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas (p. 44).

Para este método de pesquisa estão à disposição diversos meios e formato de escrita que podem abarcar não só os textos culturais que tematizam o assunto estudado, mas também textos disponíveis agora *online*. Uso também, entrevistas narrativas com um contador de histórias a fim de observar como através de diálogos e narrativas é “possível resgatar o relato de experiências individuais que estabelecem comunicação ou relação com determinados fatos, instantes e/ou momentos com as histórias que ouvimos ou lemos” (ANDRADE, 2012, p.175), para menina ouvinte, foi decisivo e constitutivo de uma experiência vivida sobre sua identidade racial.

Trazer as narrativas sobre histórias vividas na infância é fazer emergir histórias as memórias que lembram Larrosa (1994),

[...] a recordação não é apenas a presença do passado. Não é uma pista ou um rastro, que podemos olhar e ordenar com se observa e se ordena um álbum de fotos. A recordação implica imaginação, implica um certo sentido do que somos, implica habilidade narrativa. (LARROSA, 1994, p.68).

Retomar histórias e ideias de pai e filha na hora de dormir é entender o que possibilitou a constituição do ser mulher-professora e negra a uma menina ao ouvir os contos inventados pelo seu pai-contador. Reconstruir significados atribuídos a uma tradição oral de contar um conto é ressignificar o presente e o vivido para narrar a si mesmo.

Trago Halbwachs (1925) que salienta em discussões sobre a memória, que muito dela se constitui também, através de nossa linguagem e vivências, por significados formados socialmente. Nisso percebo que a memória não é apenas uma breve recordação que temos do passado, mas também acaba se constituindo ao longo e de acordo com nossas vivências.

Os homens, que vivem em sociedade, usam palavras, cujo sentido compreendem: é a condição do pensamento coletivo. Ora, cada palavra (compreendida) se faz acompanhar de lembranças; e não há lembranças a que não pudéssemos fazer corresponder palavras. Nós falamos nossas lembranças antes de evocá-las; é a linguagem, e é todo o sistema das convenções sociais com ela solidário, que nos permite, a cada instante, reconstruir o nosso passado. (HALBWACHS 1925, *apud* STOETZEL 1976, p. 133-134).

Desse modo, podemos perceber que nossas memórias, ao serem contadas, muitas vezes não funcionam de acordo tal qual nos foi contado pois, iremos associar, mesmo sem se darmos conta, com as menções que ocorreram nas histórias de nossa trajetória. Aqui cabe buscarmos o dito popular ‘quem conta um conto aumenta um ponto’.

No que se refere a uma biografia, enfatiza-se que biografar além de escrever sobre uma história, é praticamente revive-la através da escrita, de cunho objetivo ajuda a qualificar a pesquisa em questão. Sendo assim, Carino (1999) afirma,

[...] Não se biografa em vão. Biografa-se com finalidades precisas: exaltar, criticar, demolir, descobrir, renegar, apologizar, reabilitar, santificar, dessacralizar. Tais finalidades e intenções fazem com que retratar vidas, experiências singulares, trajetórias individuais transforme-se, intencionalmente ou não, numa pedagogia do exemplo. A força educativa de um relato biográfico é inegável. (CARINO, 1999, p.154).

Assim, reforça e potencializa o valor de uma pesquisa que, além de investigativa é também biográfica. Como diz Carino, passa a se constituir como uma pedagogia do exemplo nas infâncias das crianças. Nesse caso é recordação, são memórias de um tempo vivido neste tempo de vida entre crianças e adultos contadores de histórias.

4. Um pouco sobre as tradições orais ou oralidade

Segundo a definição do Infopédia: o.ra.li.da.de, nome feminino; qualidade daquilo que é falado; exposição oral uso de processos orais, como a fala. Linguística modalidade de realização da língua, concretizada por falantes em presença e que se caracteriza por ser efêmera e irrepetível, pela presença marcante de diálogos, por utilizar um vocabulário menos cuidado do que na escrita, etc.

Tal conceitualização se complementa com a ideia de Beth Marcuschi (2014), onde aponta que a oralidade está associada também, a ação de discurso e ao ato social, tanto na sua fala ou escuta. Abrangendo, diretamente essas linguagens, em seus diversos aspectos, como o formal e o informal. Para a autora, a oralidade não se limita apenas a fala, o rumo dessa interação vai variar, através do seu ritmo, gesticulação, mímicas, imagens, volume e seus tons, podendo influenciar o resultado da mesma.

Franco e Chicapula (2017) tratam da oralidade como fonte do ensino da história local em Moçambique. Mostram como as crianças de uma escola rural do Vale dos Zambeze, lugar com pouca tradição e acesso a fontes escritas, constroem a história de seu povo, a partir das histórias e tradições culturais de sua família, da sua escola, da sua comunidade e província. O que faz com que o meio rural seja ainda “o único espaço que ainda conserva a identidade cultural de cada grupo étnico moçambicano” (p.151).

Para as autoras a tradição oral pode ser transmitida por testemunhos oculares ou de geração em geração. Para Vansina (1982),

Uma tradição é uma mensagem transmitida de uma geração para a seguinte. Mas nem toda informação verbal é uma tradição. [...] distinguimos o *testemunho ocular*, que é de grande valor, por se tratar de uma fonte “imediate”, não transmitida de modo que os riscos de distorção do conteúdo são mínimos. Aliás, toda a tradição legítima deveria, na realidade, fundar-se no relato de um testemunho ocular [...]. (apud FRANCO e CHICAPULA, 2017, p.153).

Talvez a herança de sua ancestralidade tenha feito desse pai-contador, testemunho ocular de sua história e apresentar a suas filhas e filho suas histórias inventadas, como um modo de trazer à margem a oralidade de seu povo. A oralidade daquilo que as crianças escutavam pelas

histórias infantis e histórias familiares. As histórias que transformava, era um modo de dar a suas filhas negras, o desejo de gostar de si, do seu modo de ter uma pele escura, um cabelo negro e crespo.

Trago Hampatê Bâ (1982), quando ensina sobre transmissão oral que trata do passado, afirmando que o [...] valor de homem que faz o testemunho, o valor da cadeia de transmissão da qual ele faz parte, a fidedignidade das memórias individual e coletiva e o valor atribuído à verdade em uma determinada sociedade. Em suma: a ligação entre o homem e a palavra (HAMPATÊ BÂ, *apud* FRANCO e CHICAPULA, 2017, p.154). Assim, como afirma o autor, e para esse Trabalho de Conclusão de Curso, o valor dessas narrativas para a constituição das crianças não está naquilo que é escrito ou oral, mas nessa ligação entre crianças e seu pai. É a ligação entre o homem e palavra que unia esta família, ou neste caso, pai e filhas ao contar a elas as histórias na hora de dormir.

Tais contos orais inventados, mostrava que a Branca de Neve era a Preta de Pixe, ou os 3 porquinhos eram os Três Porquinhos Negros que fugiam do lobo mau. Cada conto inventado permitia a esse pai-contador “numerosas combinações, muitas remodelações, reajustes dos episódios, ampliação das descrições” (FRANCO e CHICAPULA, 2017, p.154).

4.1 Sobre tradição oral ou oralidade africana

No que se refere à cultura oral africana, observa-se que para muitos africanos, os anciãos eram os mais sábios, pois a inteligência, na época, era medida através da memória. Era validado o acúmulo de informações e que quem às tinham, eram os mais velhos, esses eram os ‘dotados’. Assim, quem “vivia” mais tempo, mais acúmulo de informações teria e deveria passá-las aos que pertenciam a sua etnia. Daí surge o modo de se contar histórias entre eles. Pereira (2015) afirma que

[...] as culturas tradicionais, como as de matriz afrodescendentes e indígenas, que emergem das múltiplas identidades que compõe a sociedade brasileira, são de algum modo, constituídas de memórias geracionais orais, ou seja, a palavra é o centro da organização e da manutenção destas identidades (PEREIRA, 2015, p.82-83).

Segundo PEREIRA (2015), o uso da oralidade na cultura africana, foi um dos motivos e justificativa para invadirem e colonizarem as suas terras. Esta comprovava que um povo que não tinha uma cultura escrita precisava, por falta da escrita, ser conduzido, ser catequizado e explorado. Que este era um povo inculto, alegando assim, que só haveria cultura se houvesse escrita. (p. 82-83).

Ao longo da história se observa que quem tem a escrita tem o poder. E se acredita na história de quem tem poder. Gyasi (2017), escritora ganesa, mostra em seu romance as histórias contadas do povo negro e as condições adversas de suas vidas. Ao trazer sua narrativa, fala de quando o professor pergunta a seus alunos:

- Então, em que história vamos acreditar? [...] - Nos acreditamos na história de quem detém poder. Por isso, quando se estuda História, é preciso sempre fazer perguntas. Que história não está sendo contada? De quem é a voz que foi reprimida para que essa voz pudesse se fazer ouvir? Quando vocês tiverem descoberto essas respostas, precisarão encontrar aquela história também. A partir daí, começarão a formar um quadro mais nítido, apesar de imperfeito (GYASI, 2017, p.337).

Na cultura negra, uma das mais fortes narrativas era feita pela oralidade dos anciãos como vimos acima. Mesmo que o povo branco a negasse, era um modo de trazer suas culturas, além de passar conhecimentos, crenças e religiões. Nisso surge também a figura dos Griot's.

4.2. Sobre os griot's e alguns seguidores...

Na cultura africana, houve e ainda existe a figura dos Griot's. São contadores de histórias orais e mestres da tradição africana, além de repassarem os contos, eles também transmitem saberes, fazeres, lendas e costumes de suas culturas. Os Griots existiam muito antes da invasão dos europeus no continente. Os Europeus invadiram e colonizaram as terras com a justificativa da oralidade, e que por serem um povo sem registro escrito, por não haver uma escrita, não seria um povo de boa cultura, como afirmei acima.

Segundo o griôt Adwoa Badoe - griot's são aqueles que a mais de séculos transmitem e preservam as histórias do país, principalmente do Oeste da África. Narram, em especial os

contos sobre os reinos, mestres e líderes da cultura africana, bem como os contos histórias de pessoas comuns.

Antigamente se contava as histórias e trajetórias desses diversos grupos, através de canções e/ou poemas, conforme o passar do tempo as contações foram sendo adaptadas e tornando-se mais narrativas para o tempo contemporâneo, mantendo o real significado da palavra que é a passagem de saberes feita através da oralidade.



Foto 2: Griots – Fonte: <https://clionainternet.files.wordpress.com/2013/06/griots.png>

A figura dos griot's atravessam os tempos. A palavra griot é uma denominação francesa dada pelo colonizador – em português, seria o equivalente a “criado”. Esses eram os guardiões da tradição oral, dos mitos e lendas africanas. Eram encontrados entre os povos como os Mandinka, Fula, Hausa, Songhai, Wolof, Mossi e Dgomba, espalhados, principalmente, pela África Ocidental. Contudo, em países como o Mali, Nigéria, Gana, Guiné, Níger, Senegal, Gâmbia e Burkina Faso é possível listar muitos desses representantes.



Foto 3: Griots¹ –

Os griot's são responsáveis por manter as tradições do passado e o repassá-las aos seguidores que serão responsáveis por mantê-las no futuro como aponta o site “Por dentro da África” (2018)².

4.3. Africanos que contam histórias de griot's, ou novos griot's

Ao tratar dos narradores e contadores de histórias africanas, não se pode privar de trazer Amadou Hampâté Bâ que foi um historiador e poeta malinês, estudioso da cultura africana mostrada ao mundo. Vale a pena, mesmo que trazendo longamente ao texto, mostrar como em conversa com Hampâté Bâ em sua entrevista para a folha de São Paulo, em setembro de 2003, onde se destaca sua vida e suas narrativas,

[...] a sensação de ouvir um sábio africano relatar suas experiências: é como se vários livros se abrissem, com uma profusão de detalhes, para dar voz às histórias e às tradições locais.

"Desde a infância, éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção que todo acontecimento se inscrevia em nossa memória como cera virgem", diz o etnólogo, filósofo e historiador em "Amkoullel, o Menino Fula".

Um dos maiores pensadores da África no século 20, Hampâté Bâ integra a primeira geração do Mali com educação ocidental. Seu

¹ Fonte: <https://clionainternet.files.wordpress.com/2013/06/griot5.png>. Acesso em setembro de 2018.

² Por dentro da África, 2018. <http://www.pordentrodafrica.com/> Acesso em 4 de novembro de 2018.

vínculo com a tradição oral do povo fula (nação de pastores nômades que conduz seu rebanho pela África savânica) o levou a buscar o reconhecimento da oralidade africana como fonte legítima de conhecimento histórico.

Hampâté Bâ (1900-91) participou da elaboração dos primeiros estudos que usam as fontes orais de maneira sistemática, como em "História Geral da África", publicada pela Unesco em 1980. Seus escritos como esse e outros de caráter sociológico e filosófico são mais conhecidos, o relato autobiográfico tem o mérito de revelar a trajetória desse mestre da transmissão oral e comprovar a força da "oralidade deitada no papel" (nas palavras do autor).

"O extraordinário é que ele faz a palavra por escrito. Em momentos do livro, tenho a impressão de escutar um mestre da palavra. E ele era um mestre da palavra", afirma o professor Fábio Leite, do Centro de Estudos Africanos da USP. "A obra aborda a realidade das sociedades africanas a partir de uma visão interna, que vai de dentro para fora dos fenômenos e revela a África-sujeito, a África da identidade profunda, originária, mal conhecida, portadora de propostas em valores diferenciais."

Nascido em 1900 em Bandiagara, no atual Mali, Hampâté Bâ começou a viajar "com apenas 41 dias de presença neste mundo" e logo entrou em contato com fulas, bambaras, dogons e hauçás, entre outras comunidades étnicas.

O rei Tidjani Tall, fundador de Bandiagara, mandara dizimar todos os membros do sexo masculino da família de seu pai, que sobreviveu ao massacre. À mãe, empreendedora e de caráter forte, chamavam de "mulher de calças". Os pais naturais, o pai espiritual (o mestre sufi Tierno Bokar) e o padrasto lhe ensinaram cedo as regras de honra e conduta.

Hampâté Bâ examina a "morte" da primeira infância, o papel das associações de jovens na formação da personalidade africana e a relação com os brancos-brancos (os europeus) e os brancos-negros (os africanos europeizados). O autor conta que, quando pequeno, tocou a mão de um "filho do fogo" (um francês) e descobriu que ele era "uma brasa que não queima". Sem perífrases, descreve uma expedição ao lixo dos europeus para confirmar se seus excrementos eram negros - como diziam os rumores - e, mais tarde, o envio à "escola dos brancos", "considerada pela grande maioria dos muçulmanos como o caminho mais rápido para o inferno!".

A descrição de uma cerimônia de circuncisão, precedida de uma grande festa que vai do pôr-do-sol ao amanhecer, recebe descrição minuciosa. Após as arengas destinadas a estimular a coragem, ao pé de duas acácias, colocavam-se pedaços de noz-de-cola na boca dos meninos, entre os molares, para medir sua coragem. Após a retirada do prepúcio, "que retém prisioneira a maioridade", a marca dos dentes, se ligeira, confirmava a bravura do circunciso.

Hampâté Ba expõe ainda a fragilidade da civilização da oralidade que tanto defendeu. "Uma das maiores consequências da guerra de 1914, pouco conhecida, foi provocar a primeira ruptura na

transmissão oral dos conhecimentos tradicionais." No livro, ouve-se o timbre de sua voz e o murmúrio de um mundo ameaçado. (Folha de São Paulo – Ilustrada, 2003, s/p)³.

A literatura africana, também traz a narrativa de histórias do griot - Kwaku Ananse, chamado de ‘o Homem Aranha’, era um tecelão e, supostamente, teria conseguido trazer do céu as histórias para o mundo. Ananse foi responsável pelos mitos e contos na África, Europa, Ásia e Américas. Escreve sobre como foi realizar a ação de trazer os contos, as histórias do Nyame - o Deus do Céu, algo inalcançável para a população Africana. Conta ‘A História das Histórias’, onde ele supostamente explica, como conseguiu trazer as histórias para a terra.

A História das Histórias

Há muito tempo atrás, as pessoas não tinham nenhuma história. À noite, as crianças sentavam-se em torno das fogueiras, chegavam para os velhos e

pediam: – Conta-nos uma história!

Mas eles não podiam contar.

– As histórias – diziam – pertencem todas a Nyame, o Deus do Céu, e ele as guarda no seu baú de ouro, ao lado do seu trono dourado.

Um dia, Ananse, o tecelão da aldeia, decidiu que iria subir até o céu para negociar as histórias. Então, ele levantou cedo e teceu uma teia imensa de prata, que se estendia até o céu, e por ela subiu.

Ao chegar ao céu, Ananse falou a Nyame, que desejava comprar suas histórias. Ao ouvir aquilo Nyame riu muito de Ananse, falando em seguida:

– O preço das minhas histórias, é que você me traga Osebo, o leopardo de dentes terríveis, Mmboro, os marimbondos que picam como fogo e Moatia, a fada que nenhum homem viu.

Nyame imaginava, que desta forma, faria Ananse desistir da ideia, mas Ananse apenas respondeu:

-Pagarei seu preço com prazer, ainda lhe trago Ianysíá, minha velha mãe, a sexta filha de minha avó.

Outra vez o Deus do Céu riu muito e respondeu:

-Ora Ananse, como pode um velho fraco como você, tão pequeno, pagar meu preço?

Desta vez, Ananse não respondeu, virou-se e desceu pela sua teia de prata que ia do chão até o céu. Foi pegar as coisas que Nyame exigia.

³ Por que trazer longamente a história de um malinês para o TCC, porque pouco ou nada sabemos sobre os escritores e estudiosos africanos. Suas narrativas, de algum modo, me ajudam a entender como as histórias de um pai foram subjetivando e construindo uma professora.

São Paulo, terça-feira, 16 de setembro de 2003

Correndo por toda selva, finalmente encontrou Osebo, o leopardo de dentes terríveis. Que falou assim quando percebeu sua chegada:

-Ah, Ananse! Você chegou na hora certa para ser o meu almoço.

-O que tiver de ser será. – disse Ananse, que continuando ainda disse:

– Mas primeiro vamos brincar de jogo de amarrar?

Osebo que adorava jogos e brincadeiras, logo se interessou.

– Mas como se joga este jogo?

– Com cipós, eu amarro você pelo pé com o cipó, depois desamarro, aí, é a sua vez de me amarrar. Ganha aquele que amarrar e desamarrear mais depressa. – disse Ananse, respondendo a pergunta do leopardo.

– Muito bem, rosnou o leopardo já planejando devorar o Homem Aranha assim que o amarrasse.

Ananse, então, rapidamente amarrou Osebo pelo pé, e quando o leopardo estava bem preso, pendurou-o amarrado a uma árvore dizendo:

– Agora Osebo, você está pronto para encontrar Nyame.

Ananse cortou uma folha de bananeira, enchendo uma cabaça com água e atravessou o mato até a casa de Mmboro. Ao chegar, colocou a folha de bananeira sobre sua cabeça, derramando um pouco da água sobre si, e o resto sobre a casa de Mmboro dizendo:

– Está chovendo, chovendo, chovendo, vocês não gostariam de entrar na minha cabaça para que a chuva não estrague suas asas?

– Muito obrigado! Zumbiram os marimbondos entrando dentro da cabaça do Homem Aranha, que a tapou rapidamente. Após prender Mmboro na cabaça, ele a pendurou na mesma árvore que prendera Osebo, bem ao lado do leopardo dizendo:

– Agora Mmboro, você está pronto para encontrar Nyame.

Depois, foi esculpir uma boneca de madeira, cobrindo-a de cola, da cabeça aos pés, foi e a colocou aos pés de um flamboyant onde as fadas costumam dançar. À sua frente, colocou uma tigela de inhame assado, amarrando um cipó em sua cabeça, e foi se esconder em um arbusto próximo, onde esperando, segurava a outra extremidade do cipó. Passados alguns minutos chegou Moatia, a fada que nenhum homem viu, o último item pedido por Nyame. Ela veio dançando de uma forma que só as fadas africanas sabem dançar, indo até os pés do flamboyant. Lá, ela avistou a boneca e a tigela de inhame e disse:

– Bebê de borracha. Estou com muita fome, poderia me dar um pouco do seu inhame?

Ananse puxou o cipó de forma que parecesse que a boneca sinalizava um sim com a cabeça, com o sinal de aprovação, Moatia comeu todo inhame, agradecendo após o banquete.

– Bebê de borracha, muito obrigada.

Mas a boneca não respondeu. A ausência de resposta deixou Moatia brava, que em tom de ameaça falou:

– Bebê de borracha, se você não me responder, eu, eu vou te bater.

E como a boneca continuo parada, já que Ananse não puxara o cipó, Moatia deu-lhe um tapa na boneca, ficando com a sua mão presa na bochecha cheia de cola. O que só serviu para aumentar a irritação da fada, que novamente ameaçou;

– Bebê de borracha, se você continuar a não me responder, eu vou lhe dar outro tapa.

Como Ananse continuava sem mexer o cipó, a boneca continuo parada. Moatia deu-lhe um outro tapa, ficando agora com as duas mãos presas. Mais irritada ainda, a fada tentou se livrar com os pés, que também ficaram presos. Ananse então saiu de trás do arbusto, carregou a fada até a árvore onde se encontravam presos Osebo e Mmboro e disse:

-Moatia, você está pronta para encontrar Nyame.

Após deixar Osebo, Mmboro e Moatia, Ananse foi até a casa de Ianysia, sua mãe, sexta filha de sua avó. Ao chegar, olhou para sua mãe e disse:

– Ianysiá, venha comigo, irei te dar a Nyame em troca de suas histórias.

Ananse começou a tecer uma imensa teia de prata em volta do leopardo, dos marimbondos e de Moatia, depois uma outra teia, que ia do chão até o céu, quando terminou, subiu por ela carregando seus tesouros. Caminhou até os pés do trono de Nyame e o saudou:

– Nyame! Aqui está o preço que você pediu por suas histórias, Osebo, o leopardo de dentes terríveis, Mmboro, os marimbondos que picam como fogo e Moatia, a fada que nenhum homem viu. E como prometido, ainda lhe trouxe Ianysiá, minha velha mãe, sexta filha de minha avó.

Nyame ficou maravilhado, quase não acreditando no que via. Chamou todos de sua corte dizendo:

– O pequeno Ananse, trouxe o preço que peço por minhas histórias, de hoje em diante, e para sempre, elas passam a pertencer a Ananse e serão chamadas de histórias do Homem Aranha! Cantem em seu louvor!

Ananse, ficou maravilhado, desceu por sua teia de prata carregando o baú das histórias de Nyame, histórias que ele conquistara e passavam a ser suas. Chegando em sua aldeia, o Homem Aranha abriu o seu baú, e desta forma as histórias se espalharam pelos quatro cantos do mundo.

Nyame foi até o céu em uma manhã, através de uma imensa teia de prata tecida por ele mesmo. Ao chegar lá indagou Nyame que deseja comprar suas histórias, mas o Deus disse que o preço era muito alto: “O preço das minhas histórias, é que você me traga Osebo, o leopardo de dentes terríveis, Mmboro, os marimbondos que picam como fogo e Moatia, a fada que nenhum homem viu” – Disse o Deus Nyame. Assim, ele pensou que Ananse iria desistir de querer comprar as histórias. Ananse ainda replicou: “Pagarei seu preço com prazer, ainda lhe trago Ianysiá, minha velha mãe, a sexta filha de minha avó”. O Deus Nyame não levou em conta e disse que Ananse não seria capaz de cumprir esse preço devido seu porte. Ele não deu ‘bola’ e foi atrás de seus afazeres, desceu pela teia que foi tecida. Ao longo da história Ananse consegue todos os tesouros exigido pelo Deus e sobe novamente para entregá-los. Nyame fica maravilhado e diz para todos do céu: “O pequeno Ananse, trouxe o preço que peço por minhas

histórias, de hoje em diante, e para sempre, elas passam a pertencer a Ananse e serão chamadas de histórias do Homem Aranha! Cantem em seu louvor!”. Então Nyame entrega o baú das histórias para Ananse, que desce para sua aldeia e ao abrir o baú às histórias se espalharam pelos quatro cantos do mundo.

Assim como Ananse que não desistiu de comprar as histórias para serem levadas aos quatro cantos do mundo e “O pequeno Ananse, trouxe o preço que peço por minhas histórias, de hoje em diante, e para sempre, elas passam a pertencer a Ananse e serão chamadas de histórias do Homem Aranha! Cantem em seu louvor!”, a feitura deste TCC também me fez ir ao encontro do não sabido sobre o mundo e o povo negro. Das histórias do quarto de dormir, passei a ler, estudar, ouvir histórias que mostram que os contos de tradição africanas contados pelo anciãos, passavam saberes para as pessoas comuns, que esses saberes eram indefinidos, mágicos, assustadores e, muitas vezes, profetizadores. Aprendi que os Griot’s trazem saberes mais específicos que acabam abrangendo muito mais ‘conhecimentos’ sobre a cultura africana, são aprendizados repassados sobre suas etnias, suas províncias, suas aldeias, suas artes e muito mais.

Em alguns estados brasileiros⁴ como em São Paulo, Brasília, Salvador, RS são oferecidos cursos para novos Griots. De algum modo, essas formações acabam contradizendo a cultura africana onde não se escolhe ser Griots, os Griots são, normalmente as pessoas mais velhas – os anciãos, como apontamos acima que, por terem vivido mais, tem mais histórias para contar e por isso são os escolhidos para exercerem tal atividade nos seus grupos de pertença⁵.

⁴ Ver em: Salvador BA, Calendário São Paulo, Aracaju, Porto Alegre, Brasília DF, <http://pedagogiagriorede.org.br/programa-do-curso/>

⁵ Ver: Escola de formação em Pedagogia Griô. <https://pedagogiagriorede.wordpress.com/author/pedagogiagriorede/> Acesso em novembro de 2018.

5. Tratando um pouco sobre Contos.

Segundo o *site* Significados. Conto é: “Um gênero textual marcado pela de narrativa curta, escrita em prosa e de menor complexidade em relação aos romances, que são aqueles contos e histórias mais compridos”.

A origem dos contos está relacionada à tradição de contar histórias de forma verbal. Quando transcritas, essas mesmas histórias (que geralmente seguem uma trama única) resultam em uma narrativa concisa que pode ser lida em pouquíssimo tempo. (SIGNIFICADOS, 2018)

Através do conceito podemos perceber que este gênero textual é relacionado a uma narrativa curta, como as histórias criadas pelo pai-contador. A sua origem se encaixa a oralidade e a tradição oral, pois a origem está relacionada a *tradição de contar histórias de forma verbal*, sendo assim um conto se consiste em uma pequena oralidade refletida em pequenas histórias.

5.1 Os contos infantis na infância

Os contos infantis, geralmente, são usados quando ainda somos crianças. No caso estudado neste Trabalho de Conclusão de Curso, as narrativas de histórias infantis, contadas no quarto de dormir, foram usadas por um pai-contador, sem nenhum recurso literário, sem nenhuma materialidade. Contava suas histórias apenas com uso da oralidade. Histórias esperadas pelas crianças a cada noite que chegava. A cada noite desejavam a hora de dormir, para que seu pai chegasse para as deleitar e acalantar com suas histórias inventadas. Seus pais eram separados, mas mesmo assim, ele vinha todas as noites para lhes encantar com suas histórias. Penso naquilo que ensina Ramos (2018), “Nas situações de divórcio e novo casamento, pais, filhos e netos precisam aprender a “fazer família à distância [...], criando novas formas de interação familiar” (p.85). Era isso que encontrava em sua nova família, não só na distância que os separava, mas na possibilidade do encontro diário que construíam.

O pai, como já foi apontado antes, contava sobre os famosos clássicos, modificando-os e adaptando-os com personagens negros. **A Branca de Neve era a Preta de Pixe, a**

Chapeuzinho Vermelho era a Chapeuzinho Preto, A Cinderela era a Cidernegra e assim por diante. As histórias eram bastante parecidas com os clássicos assistidos pelas crianças em filmes da Disney, ou nas histórias dos livros que tinham em casa. Entretanto, a cada noite que chegava, as crianças esperavam para ouvir, como seu pai iria apresentá-las, quais modificações ele faria para torná-las únicas. Por serem narrativas orais, ao serem transmitidas em contação acabam sendo recriadas cada vez que são contadas. Pois ao retornarmos a memória dessas histórias, as associamos ao cotidiano e ao meio social.

A história muitas vezes contada por ele era a da ‘Preta de Pixe’, que nos diálogos ele lembrava:

Era uma vez uma menina que se chamava Preta, Preta de Pixe. Ela era uma menina linda, negra, de olhos castanhos, tinha um cabelo bem volumoso e crespos. Era amada por todos, pois era uma princesa, ela era um pouco parecida com vocês (falando para menina e sua irmã). Ela morava em um castelo, muito grande e bonito com o seu papai, que era um homem muito bonito. Negro, olhos da cor do café, tinha os cabelos crespos. Não era muito alto, mas era muito bonito. E esse papai morava com uma madrasta, ela era branca e muito malvada, que na verdade era uma bruxa, porque a mãe da Preta acabou falecendo em um acidente. Mas essa madrasta não gostava da Preta de Pixe porque ela queria ter o cabelo dela, porque a madrasta tinha cabelo diferente do dela.

A madrasta tinha um espelho e todos os dias ela perguntava pra ele:

- Espelho, espelho meu. Existe alguém mais bonita do que eu?

O espelho sempre respondia que a mais bela seria a Preta de Pixe. Então, a madrasta ficava furiosa com a resposta do espelho. Então em um dia ela contratou um caçador, que também era negro, para entregar o coração da Preta de Pixe para ela.

E então ao ver a Preta de Pixe o caçador não quis mais entregar o coração dela para a madrasta, pois se apaixonou por ela. Porque não

existia pessoa que não se apaixonasse pela Preta, além de bonita ela era uma querida, simpática e forte.

Então o caçador avisou a Preta para fugir, viu de longe um animal e matou o animal e pegou o coração para enganar a rainha que havia pegado o coração da Preta. Então a rainha ficou muito feliz e gritava:

- Agora sim! Eu sou a mais bela!!

A Preta então fugiu do castelo e foi floresta adentro. Logo viu uma casinha, bem pequena, ela bateu na porta, mas ninguém a atendeu. Já estava com fome, cansada e com sono. Então ela entrou na casa e começou a perceber que era tudo pequeno, achou estranho, mas como estava cansada foi comer e dormir. Passou algumas horas e chegaram os donos da casa, eram anões, todos negros, com barba, usavam um chapéu e eram trabalhadores de uma mina de pedras preciosas. Eles viram a Preta deitada e se perguntavam: ‘‘Quem é essa moça?’’, ‘‘Tão bonita, o que será que ela faz aqui?’’. Ao acordarem a Preta de Pixe, ela ficou assustada e explicou toda a história para os anões. Eles, com pena da menina a deixaram ficar ali, mas salientaram para ela não abrir a porta prá ninguém enquanto eles não estivessem em casa. Então no outro dia, os anões foram trabalhar e deixaram a Preta na sua casa.

Enquanto isso, no castelo, a madrasta foi até o seu espelho novamente e pergunta quem é mais bela, o espelho responde que ainda é a Preta de Pixe. A madrasta fica sem reação e, logo em seguida, indaga o espelho salientando a morte da menina. Mas o espelho mostra que ela esta viva e, que o caçador não deu o coração dela pra madrasta. Aquele coração era de animal. A madrasta fica furiosa e vai atrás da Preta. Se finge de velhinha e bate na porta da casa dos anões. Ela alega que é uma senhora que vende ameixas. Mas na verdade as ameixas estavam envenenadas. No primeiro momento a Preta de Pixe não quer abrir a porta, mas no segundo momento acaba abrindo, pois acredita na senhora e só quer ajudá-la. Então, na primeira mordida da

ameixa, ela desmaia. A madrasta acaba fugindo para o castelo e logo os anões chegam e se deparam com Preta no chão. Eles acham que ela tinha morrido e, então, foram velar o corpo da menina Preta. Colocaram ela em cima de uma grande mesa de vidro e ficaram lamentando a perda da menina.

Até que então aparece um príncipe muito bonito, alto, cabelo crespo com um *pente garfo* na cabeça. Em cima de um cavalo preto, com a selagem brilhante e macia que chegava a ser reluzente. E então perguntou o que havia acontecido, os anões explicaram a situação e, então, o príncipe tenta acordá-la com um beijo. Após alguns minutos a Preta desperta e agradece ao príncipe com um abraço. Os anões felizes comemoram.

Após os acontecimentos, a Preta vai até o castelo junto com o príncipe e os anões, contam tudo para o seu papai e ele manda a madrasta embora. O papai agradece o príncipe e aos anões por terem cuidado da Preta e por a terem levado até o castelo. Ele acaba fazendo uma festa e eles vivem felizes para sempre. (pai-contador, setembro de 2018).

Para o pai que encantava suas filhas e filho, todos os personagens eram negros, até mesmo os animais dos contos. Seus cabelos eram afros, tramados em *dreds* ou tranças. Onde homens, mulheres e crianças enfeitavam suas cabeças com turbantes como o Ojá⁶, ou faixas de muitos metros de tecido. Sempre ele enfatizava o quanto os personagens em sua negritude eram bonitos, independentes, espertos. Empoderados de todas as formas, o que nos lembra Oliveira (2016), quando ao discorrer sobre A Menina Bonita do Laço de Fita, outra história infantil, que trata de uma personagem negra, afirma que “o destaque principal dado à menina negra garante identidade de protagonista aos negros, de quem sempre foi legada a posição de outro, o não branco (*apud*, DORNELLES e MARQUES, 2015, p.118).

⁶ O Ojá é um tipo de torço ou turbante usado na cabeça nas religiões tradicionais africanas, religiões afro-americanas, religiões afro-brasileiras, podendo ser de vários tipos e cores. http://obviousmag.org/my_cup_of_tea/2015/05/turbante-cultura-moda-e-estilo.html. Acesso em outubro de 2018.

Percebia na escola que seus colegas nunca ouviam histórias que em sua versão, os personagens eram todos negros, então as contava no recreio e era um sucesso. No começo ficava um pouco seestrosa, pois pensava ‘*como sabia essas historias e eles não?*’. Todas crianças e professores passavam a imaginar como eram esses personagens negros, como se vestiam, tramavam seus cabelos, usavam seus turbantes. O que vai ao encontro do que afirma Bujes (2004), (*apud* DORNELLES e MARQUES, 2015, p.118).

Se o imaginário é concebido como domínio das imagens, das fantasias e das identificações e está implicado de forma visceral na constituição da subjetividade, se é no terreno da linguagem e da cultura que ocorre o processo que institui o sujeito, não se pode negar que as práticas culturais associadas ao brinquedo não têm nada de gratuitas e que precisamos nos tornar mais atentos aos seus interesses e compromissos. (*apud* DORNELLES e MARQUES, 2015, p.118).

Portanto, se as imagens das histórias infantis cotidianamente narradas para as crianças, se os contos diariamente contado a elas, trazem um tipo de personagem (o branco de cabelos lisos), a professora, a partir das historias de seu pai-contador, podia agora levar à sua sala de aula, um outro personagem - o personagem negro. Personagem negro apresentado em toda a sua potencialidade era o herói, o sabido, o justiceiro, o bonito. A encantadora, a valente, a heroína, a terrível. De algum modo esse pai “colaborou para que fosse ratificado um padrão de beleza que exclui tudo aquilo que não remeta ao claro e ao branco” (DORNELLES e MARQUES, 2015, p.118). Observa-se então, que os contos estão muito ligados a oralidade e, podem ser modificados, com ou sem intenção, conforme a necessidade da contação. A necessidade aqui passava pelo empoderamento das filhas negras e seu filho. Trazendo toda a trama e uma parte da cultura africana e sua potência.

Na infância, e para as crianças que têm o privilégio de ter um adulto que lhes conte histórias, os contos podem ser um importante modo de se trabalhar a positividade da oralidade, a continuidade da tradição oral a serem levadas e garantidas às outras gerações. Ouvir histórias possibilita a socialização. Essas podem ser divididas em histórias literárias ou histórias vividas em acontecimentos. Podem instigar a imaginação, sem mesmo se fazer uso de algum recurso material. Nessas se pode utilizar da improvisação, incentivando a criatividade e imaginação das crianças através da escuta de historias. O que lembro quando acesso a imagem do contador de histórias,



Foto 4: *Tela: O Contador de história, de Eduardo Lima*⁷

Aquele que como um Griot, sentava todos a sua volta e contava, como diz o dito popular: “quem conta um conto aumenta um ponto”. Acredito que com a improvisação, se consiga inventar, criar e imaginar muitas histórias infantis. Onde o ser contador pode “viajar” ao contá-la. Como afirma Kaercher (2010) “quando estamos em silêncio, estamos mergulhados num oceanos de palavras” (p.59). Essa historia contada será bela, mesmo sem o uso de nenhum recurso, apenas empregando a sua força oral. A criança que a escuta também terá assim, a possibilidade de usar livremente, sua imaginação.

[...] A imaginação é para a criança um espaço de liberdade e de decolagem em direção ao possível, quer realizável ou não. A imaginação da criança move-se junto — comove-se — com o novo que ela vê por todo o lado no mundo. Sensível ao novo, a imaginação é também uma dimensão em que a criança vislumbra coisas novas, presente ou esboça futuros possíveis. Ela tem necessidade da emoção imaginativa que vive por meio da brincadeira, das histórias que a cultura lhe oferece, do contato com a arte e com a natureza, e da mediação adulta: o dedo que aponta, a voz que conta ou escuta, o cotidiano que aceita. (GIRARDELLO, 2011. P.76)

⁷<https://i2.wp.com/www.processocom.org/wp-content/uploads/2016/06/Hel%C3%A2nia.jpg?resize=768%2C576>

6. “Quem pode, pode e quem não pode se sacode”: um Griot em casa

As coisas começaram quando pequena, nesta época, já conseguia perceber que seu pai e sua mãe, já não estavam mais ‘casados’ e, neste meio tempo, conseguia recordar que ele era um pai presente. Todos os dias ele se locomovia da sua casa, na zona sul de Porto Alegre (Cavallhada), até a zona leste (Glória), onde morávamos para contar as suas famosas histórias inventadas. As histórias eram baseadas nos famosos clássicos como: Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, Os três porquinhos, Rapunzel e Cinderela, esses contos eram modificados de acordo com a vivência do pai-contador e suas filhas e filho. Todos os personagens eram negros, empoderados, fortes, bonitos, corajosos e sempre superaram algo em suas histórias, como mostrei anteriormente. Eram histórias contadas para crianças que esperavam no quentinho do seu quarto, logo após a janta, aquele pai-contador. Ouviam sua voz que mudava a cada fato, a cada acontecimento. Pai que gargalhava, sussurrava, gritava, cantava, imitava sons de animais ou a gargalhada fantasmagórica de uma bruxa e até mesmo utilizava o recurso do violão com canções criadas por ele e baseadas nas histórias contadas. Voz e canções que as crianças esperavam a cada por do sol - na hora de dormir. Aguardavam todos os dias o pequeno ‘ritual’ de chegarem da escola no final do dia, tomar o café da tarde, realizar a higiene, brincar, aguardando seu pai-contador chegar para olharem a famosa novela juntos e após jantarem, irem para o quarto de dormir ouvir suas belas histórias.

Segundo seu pai, ele assim as contava para fortalecê-los na vida. Para que superassem as dificuldades que a mesma traria, por serem negras, pobres e advindas da escola pública. Na época não se davam conta, do quanto esses contos eram importantes para o seu desenvolvimento, para a constituição do seu ser mulher negra. Naquele momento, eram apenas histórias inventadas pelo pai. Conforme o tempo foi passando perceberam que se não tivessem ouvido aquelas histórias, talvez, não fossem tão seguras de si hoje em dia. Não fossem pessoas, e filhas, que correm atrás dos seus sonhos, dos seus desejos. Mulheres que não permitem que alguém diga que não

conseguiriam tal feito. Não alcançariam seus sonhos devido a sua cor de pele e a realidade vivida.

Para o pai-contador as histórias eram um meio de mostrar para as filhas e filho que podiam ser príncipes e princesas. Quando as contava, e modificava as características dos personagens, por exemplo, ele compara a beleza e valentia de suas filhas. Quando falava da Preta de Pixe, a nova Branca de Neve, dizia: *“Ela era preta, mais ou menos da tua cor aí filha. Bem corajosa, cabelo crespo, tipo o de vocês, forte e alta. É, ela era igual a vocês mesmo!”*. Com isso ele fazia com que se encontrassem na narrativa dos contos, fizessem parte da história, de seus personagens bonitos e valentes. Incentivava a escuta dessas histórias dizendo: *“Ah! Não vou mais contar, isso que acontece agora é muito grave!”*, ou *“Não acredito que aconteceu isso! Vocês não acreditam... Acho melhor nem saberem”*, assim as crianças ficavam curiosas pelo fim da história e, ansiosas para saberem o que aconteceria a seguir. Podiam ser princesas que seriam ‘salvas’ pelos príncipes, mas às vezes ele mudava o final dizendo: o “rei papai” viria para salvar a princesa com o amor! Também propositalmente realizava uma mudança, das histórias para questionar se suas filhas e filho percebiam que havia algo diferente, como: *“A Preta de Pixe, subiu na carruagem feita de abóbora e...”* e os pequenos estranhavam e falavam: *“Não é assim não! Não tá contando certo.”*. Então, logo as instigava a contar a história para ele poder “lembrar” de como era e continuar a contação. Assim o pai-contador também possibilitava que estes usassem sua memória de crianças.

As crianças, enquanto atores sociais de direito, buscavam imagens de suas pertencas raciais [...] para interpretar seu mundo e construir positivas representações simbólicas de si e do outro. Colocávamos em ação uma pedagogia antirracista onde as crianças podiam se dizer, encontrar seu jeito de ser e valorizarem mutuamente suas tradições culturais. (DORNELLES, FEITOSA E MARQUES, *no prelo*).

Ao que a menina agora grande pergunta a seu pai: *de onde vinha toda essa criatividade?* Ele afirma que a criatividade para ele é algo de família, dizendo que: *“Todos nós, da nossa família, temos esse dom de criar e inventar coisas, somos todos artistas”*. De alguma forma são griot’s. São negros contadores que mantém, de certa maneira, a tradição da oralidade. Trazia para o relato os dons da família, tias artesãs, tias atrizes (não profissionais), tias e tios que cantam e contavam suas histórias.

Adultos que contavam às crianças, que agora contam para seus alunos e que serão professores que contarão para outros adultos, que contarão para outras crianças. Volto a Kaercher (2001), ao referir-se a histórias contadas,

Quem de nós não lembra de uma história em particular, contada por alguém querido, de um modo especial que, talvez por isso mesmo, até hoje somos capazes de relembrar: fadas, reis, rainhas, florestas mágicas, loucas aventuras, romances, histórias familiares, poderes gigantescos que, por alguns instantes eram nossos... faziam parte do nosso mundo (KAECHER, 2001, p.81).

Eram histórias cujo o efeito, foi produzir uma mulher professora que busca em suas tradições orais as narrativas de um tempo de infância. Parceria criada entre pais e filhas mostrando que “A relação entre uma criança e um adulto consiste na relação entre dois seres humanos, com experiências da vida diferentes, com níveis de maturidade diversos, com perspectivas e olhares divergentes sobre o mundo [...]”. (SARMENTO, 2018, p. 51). Contudo, é uma relação que possibilita a proximidade do encontro.

Pai que contava histórias e agora as canta! Pai que me faz lembrar Berenboim (2009).

Sempre que tocamos música, seja de câmara ou em orquestra, temos de fazer duas coisas muito importantes ao mesmo tempo. Uma é expressar-nos – caso contrário não contribuimos para a experiência musical – e a outra é escutar os outros músicos, faceta indispensável para se fazer música. [...] A arte de tocar música é a arte de simultaneamente tocar e escutar, sendo que uma reforça a outra. Isso se passa tanto em nível individual como coletivo; a execução é valorizada pela escuta e uma voz é valorizada pela outra. Essa qualidade dialógica, inerente à música, foi a principal razão que nos levou a fundar uma orquestra (BARENBOIM, 2009, p.70).

A arte do pai-contador fez com que se criasse em mim uma orquestra que unia sua voz, a melodia de escuta de meus ouvidos. Orquestra de encontros noturnos. Noites de calor. Noites do frio dos pampas. Noites de acalanto de voz de pai. Pai das histórias e da música. Onde contava com o coração. Às compartilhava com intuito de fazer o bem para estas filhas, que agora adultas, repassam para outras crianças, com sentimentos similares, vontade de ver outras crianças crescerem com sua negritude positivada. Busatto (2017) fala daquilo que vivi como uma experiência que me toca - “Contar com o coração significa conjugar o verbo

compartilhar”. É para ele que ofereço este Trabalho de Conclusão de Curso - Para meu pai-contador!

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Sandra. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas. In: MEYER, Dagmar e PARAÍSO, Marlucy. **Metodologia de pesquisa pós-crítica em educação**. Belo Horizonte: Maza Edições, 2012.

BARENBOIM, Daniel. **Está tudo ligado: o poder da música**, Lisboa: Bizâncio, 2009.

BUSATTO, Cleo. **Como vender bem: A arte de se comunicar contando histórias**. Curitiba: Editora Vozes, 2017.

CARINO, Jonaedson. A biografia e sua instrumentalidade educativa. **Educação & Sociedade**, Scielo, n. 67, p.153-181, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v20n67/v20n67a05.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. [consult. 2018-09-18 00:44:36]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/oralidade>. Acesso em setembro de 2018.

DORNELLES, Leni Vieira. A produção de sujeitos alfabetizados. In: DALLA ZEN, Maria Isabel e XAVIER, Maria Luisa. **Alfabetizar**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

DORNELLES, Leni Vieira. MARQUES, Circe. Pedagogias da racialidade: modos de se constituir crianças negras em escolas de educação infantil do Brasil. In: **Revista Propuesta Educativa-Ar**, nº43, año 24- jun 2015, vol1, p.113-222.

DORNELLES, Leni Vieira. FEITOSA, Antônio e MARQUES, Circe. **Ser Criança refugiada: como meninos e meninas integram e se manifestam no cotidiano de uma escola infantil além-mar**. Universidade de Maringá, *no prelo*.

FRANCO, Albertina Carlos e CHICAPULA, Laurinda Guizado Malunguissa. Literatura oral: uma fonte para o ensino da história local, em Moçambique. In: COSTA E SILVA, Geranilde; LOPES, Monalisa e MONTEIRO, Rita Maria (orgs.). **Experiências em ensino, pesquisa e extensão na universidade**: caminhos e perspectivas. Fortaleza: Impreco, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIRARDELLO, Gilka. **Imaginação**: arte e ciência na infância. **Pró-posições**, Campinas, v. 2, n. 22, p.75-92, 23 Mai 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v22n2/v22n2a07.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2018.

GYASI, Yaa. **O caminho de casa**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

HALBWACHS, Maurice. Memória coletiva. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

KAERCHER, Gládis Elise. E por falar em literatura. In KAERCHER, Gládis Elise e CRAIDY, Carmem. **Educação Infantil**: prá que te quero. Porto Alegre, Artmed, 2001.

KAERCHER, Gládis. As representações do/a professor/a negro/a na literatura infanto-juvenil ou sobre os fluxos das águas... In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (org.) **Professoras que as histórias nos contam**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LARROSA, Jorge. A libertação da liberdade. In: PORTOCARRERO, Vera; CASTELO BRANCO, Guilherme (orgs.). **Retratos de Foucault**. Rio de Janeiro: Nau, 2000.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994. P.35-86.

MARCUSCHI, Beth (Org.). Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) | Faculdade de Educação da UFMG: **Oralidade**. Disponível em:

<<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/oralidade>>. Acesso em: 17 set. 2018.

PEREIRA, Patrícia da Silva. **GRIOT-EDUCADOR: a Pedagogia ancestral negro-africana e as infâncias, em um espaço de cultura Afro-gaúcha**. 2015. 163 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Ufrgs, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/134701/000987959.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 23 out. 2018.

PORTO, Helânia Thomazine (Org.). **A importância de Griôs na socialização de saberes e de fazeres da cultura**. Disponível em: <<http://www.processocom.org/2016/06/01/a-importancia-de-griôs-na-socializacao-de-saberes-e-de-fazeres-da-cultura/>>. Acesso em: 19 out. 2018.

RAMOS, Anne Carolina. Famílias contemporâneas: lugares de avós e crianças. . In: DORNELLES, Leni Vieira e MARTINS FILHO, Altino (orgs.). **Lugar da criança na escola e na família: a participação e o protagonismo infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2018.

RENATA, Professora (Org.). **GRIÔS (GRIOTS), OS CONTADORES DE HISTÓRIAS DA ÁFRICA**. Blog: Ciclo na Internet - Blog de História. Disponível em: <<https://clionainternet.wordpress.com/>>. Acesso em: 19 out. 2018.

SARMENTO, Teresa. A criança entre-lugares: na família e na escola. In: DORNELLES, Leni Vieira e MARTINS FILHO, Altino (orgs.). **Lugar da criança na escola e na família: a participação e o protagonismo infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2018.

SIGNIFICADOS, Site (Org.). **Significado de Conto**. 2018. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/conto/>>. Acesso em: 19 out. 2018.

SHIMODA, Carolina. **Ciências da Linguagem**: A escrita e a manutenção da narrativa oral na sociedade. 2013. Disponível em: <http://www.usp.br/cje/jorwiki/exibir.php?id_texto=39>. Acesso em: 10 set. 2018.